

# ANUÁRIO

2014

# 6

**EXOTOPIAS E RELIGIOSIDADE  
NA LITERATURA DE VIAGENS DEDICADA À MADEIRA**

**CLÁUDIA FARIA**

ANUÁRIO 2014

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

ISSN: 1647-3949, FUNCHAL, MADEIRA (2014)

PP. 93 - 101



**CEHA**  
CENTRO DE ESTUDOS DE  
HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

## **EXOTOPIAS E RELIGIOSIDADE NA LITERATURA DE VIAGENS DEDICADA À MADEIRA.**

**Cláudia Faria – CEHA**

Cláudia Maria Ferreira Faria, natural de Santa Luzia, Funchal, nascida a 12 de Maio de 1971, professora de Inglês/ Alemão no ensino Secundário na Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de S. Roque, Funchal, ilha da Madeira. Tem o Bacharelato em Técnicas de Turismo (ISAL) e licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade da Madeira (UMA). Frequentou o curso de mestrado em Cultura e Literatura Anglo-americanas (UMA) onde defendeu a tese intitulada *Phelps, Percursos de uma família britânica na Madeira de Oitocentos*, sob orientação do Professor Doutor João Adriano Ribeiro, trabalho que foi alvo de publicação em 2008 na coleção Funchal 500anos. É doutoranda na Universidade Nova de Lisboa na especialidade de estudos culturais com o tema o *Diário de Mary Phelps (1839-1843): um retrato britânico da Ilha da Madeira*, sob orientação da Professora Doutora Maria Zulmira Castanheira. Neste momento encontra-se destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) e é membro do Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) de Lisboa.

**RESUMO**

A passagem de forasteiros pela ilha da Madeira tem sido *leit motiv* para vários estudos interdisciplinares, já que a literatura de viagens, pelo seu conteúdo e tipologia, oferece ao investigador um vasto campo de ação/ reflexão.

De um modo geral, e parafraseando Mary Louise Pratt, a literatura de viagens e a sua capacidade em aproximar os povos e os lugares mais distantes do mundo com o Ocidente (e/ou Europa), acabou por lhes fornecer um maior sentido de pertença, familiaridade e até mesmo de domínio, ao mesmo tempo que aumentavam a curiosidade, o espírito de aventura e o fervor expansionista. É nesse sentido que Pratt sustenta que *they were (...) one of the key instruments that made people “at home” in Europe feel part of a planetary project* (Pratt, 2008:3)

A nossa proposta é procurar entender de que modo os visitantes estrangeiros olharam e registaram a religiosidade e/ou espiritualidade do povo madeirense. Sabendo que a grande maioria destes forasteiros professavam um credo que não o catolicismo, iremos tentar perceber até que ponto a visão plasmada nestes relatos de viagem é isenta ou não de preconceito, se estamos perante um olhar manifestamente enviesado, porque imperialista e hegemónico e ainda se estas leituras são forçosamente pautadas por uma falta de entendimento e respeito pelo fenómeno da transculturalidade, já que este contacto com o outro implica e/ou requer uma capacidade de permeabilidade e adaptação, em termos sociais e culturais.

**Palavras- chave:** literatura de viagens, forasteiros, religiosidade, exotopia, preconceitos

***Exotopias and religiosity in Madeira Island Travel Literature*****ABSTRACT**

The writings of foreigners, who have passed by Madeira Island have been a *leit motiv* to several interdisciplinary studies, due to the fact that travel literature offers the researcher the possibility of broaden and interesting reflections.

In general and as Mary Louise Pratt sustained, travel writing and in consequence of its capacity to connect people from distant places in the world to the West (or/and Europe) has also provide a sense of belonging and familiarity and even strengthened the notion of domain having simultaneously increased curiosity, adventure and expansion spirit. This is perhaps the reason why Pratt argues that *they were (...) one of the key instruments that made people “at home” in Europe feel part of a planetary project* (Pratt, 2008:3)

In this paper we will try to understand how visitors observed and registered religiosity and spirituality on Madeira Island. We wish to see whether these travelogues are embedded or not with prejudice and/or imperial bias and also if these authors were capable (or not) of dealing with *otherness*.

**Key-words:** travel literature, visitors, religiosity, exotopia, prejudice

A passagem de forasteiros pela ilha da Madeira tem sido *leit motiv* para vários estudos interdisciplinares, já que a literatura de viagens – a *broad and ever-shifting genre* (Hulme 2002:10) – pelo seu conteúdo e tipologia, oferece ao investigador um vasto campo de ação/ reflexão. Aliás, Fernando Cristovão entende mesmo que a Literatura de Viagens não se limita a uma fonte válida para os historiadores e para os antropólogos, como também permite aos investigadores no âmbito mais alargado das Ciências Sociais a auscultação do confronto entre culturas/ civilizações. (Cristovão 1999: 35).

De um modo geral, e parafraseando Mary Louise Pratt, a literatura de viagens e a sua capacidade em aproximar os povos e os lugares mais distantes do mundo com o Ocidente (e/ou Europa), acabou por lhes fornecer um maior sentido de pertença, familiaridade e até mesmo de domínio, ao mesmo tempo que aumentava a curiosidade, o espírito de aventura e o fervor expansionista. É nesse sentido que Pratt sustenta que “*they were (...) one of the key instruments that made people “at home” in Europe feel part of a planetary project*” (Pratt 2008:3).

A nossa proposta é procurar entender de que modo os visitantes estrangeiros olharam e registaram a religiosidade e/ou espiritualidade do povo madeirense. Sabendo que a grande maioria destes forasteiros professavam um credo que não o catolicismo, iremos tentar perceber até que ponto a visão plasmada nestes relatos de viagem é isenta ou não de preconceito, se estamos perante um olhar manifestamente enviesado, porque imperialista e hegemónico e ainda se estas leituras são forçosamente pautadas por uma falta de entendimento e respeito pelo fenómeno da transculturalidade, já que este contacto com o outro implica e/ou requer uma capacidade de permeabilidade e adaptação, em termos sociais e culturais.

A chegada ao Funchal é inebriante e inesquecível. A beleza paisagística toma conta do olhar do visitante num primeiro instante e, apesar das dificuldades do desembarque, o pitoresco do lugar e das gentes assume maior relevância nestes *travelogues*. E mais. Tal como Geoffrey Ashe defende que “*the enterprise the voyagers embarked on is better described as a quest, as something more profound than a search. It is a spiritual adventure*” (Gills 2009:26). E a Madeira, como prenda de Deus ao Infante D. Henrique, encaixa-se perfeitamente neste perfil – esta massa rochosa envolta em nuvens que surge no meio do Atlântico, ora assustadora ora acolhedora remete, *tout cour*, para a imagem de *paradise and utopian islands*. Todavia, esta dualidade nem sempre é concordante já que, e tal como sustenta Henry Baudet, enquanto que a ideia de paraíso representa o “*no longer*”; o conceito de utopia remete para o “*not yet*”. (Gills 2009:65).

Porém, o paraíso [*um alhures ...* onde se confundem realidade e o devaneio no dizer de Bachelard] (Bachelard 2006:116) existe – A Ilha da Madeira oferece uma conjugação perfeita [da beleza fez-se delírio] – o clima ameno, a paisagem deslumbrante, o sossego, a hospitalidade, o pitoresco e, efectivamente, os autores/viajantes, uns a seguir aos outros, (re)criam nas páginas dos seus relatos de viagens a possibilidade de alcançar a plenitude, a eventual – *promise land*.

O panorama natural que envolve o anfiteatro da capital madeirense é, intercetado, aqui e acolá, por alguns edifícios e, com particular destaque para a Igreja de Nossa Senhora do Monte, que é avistada assim que a embarcação dobra o Garajau. Aliás, uma das grandes protagonistas destes relatos de viagem é a “*igreja branca da Nossa Senhora do Monte [que] serve de algum modo como coroamento*” [do Fun-

chal], tal como nos diz a autora de *Un Hiver à Madère*, Carlota de Saxe, em 1859. (Moniz, Santos 2011: 137).

Cadamosto, o primeiro viajante a deixar um testemunho escrito, (1455) diz que no Funchal se erguiam “belíssimas e devotíssimas” igrejas, evidenciando deste modo o cunho religioso da capital madeirense. Antoine Biet, padre que fez escala na nossa cidade a caminho da Guiana Francesa, em 16523, enumera os altares da bonita Sé, menciona o convento de Santa Clara e a casa dos Jesuítas e informa que a sede episcopal do Funchal estava sem bispo dado o diferendo entre Portugal e Espanha. Adianta que o clero, tanto regular como secular, era pouco dado à devoção e que era muito ignorante em relação aos assuntos religiosos. (Ribeiro 1997: 247)

Estas primeiras impressões são fugazes. São olhares de passagem que captam apenas o superficial. O navio faz a aguada no porto do Funchal, e são poucos os passageiros que se aventuram terra adentro. É preciso chegar ao século dezanove para podermos sentir o pulsar da cidade através do olhar dos forasteiros oitocentistas que procuram ver e entender o [modus] *vivendi* insular. E fazendo jus à época, a Madeira, e o Funchal, em particular, vão encher as páginas de cartas, diários, guias de viagem – *numa espécie de recompensa metafórica onde tudo de repente começa a ser...* (Bachelard 2006:116), quiçá, uma cartografia de afectos.

Coleridge não tem dúvidas de que a visita ao Monte é obrigatória e mesmo que não seja para ver a Nossa Senhora, o visitante terá oportunidade de apreciar “*one of the most enchanting views in the world*” (Coleridge 1825: 27) e além do mais, o vigário e a irmã são “*a very amiable pair, who will give you oranges and wine, and a tune on the guitar...*” (Coleridge 1825: 27)

O capitão Coleridge também recomenda uma visita ao Convento de Santa Clara explicando que ali se pode comprar *the prettiest flowers* para oferecer às amadas assim como objectos em cera. E faz referência a Maria Clementina, tal como o fez Emily Shore que veio para o Funchal se restabelecer. Todavia, esta *young invalid* enalteceu, antes, os magníficos jardins – “*the finest mixture of bright flowers and leaves*”. (Shore 1838:306).

Para o Reverendo Charles Thomas que visitou o Funchal em 1860, tanto a catedral como os conventos de Santa Clara, Mercês e Encarnação são edifícios simples, escuros e pouco ventilados. Na sua opinião a Igreja de Nossa Senhora do Monte é totalmente des-

provida de beleza arquitectónica e no seu entender aquela imagem não passa de uma insignificante boneca. (Thomas 1860: 434)

Quanto à Sé, o reverendo notou, tal como a grande maioria dos visitantes, a falta de ventilação da construção pela ausência de janelas e teve também dificuldade em identificar o estilo arquitetónico do edifício. Notou também a fraca iluminação que considera característica do catolicismo pois está convencido de que a escuridão é um simbolismo importante. Alguns anos antes, Emily Shore tinha igualmente referido a escuridão da Sé que a impediu de observar o seu interior “*richly adorned with gilding and carving*” (Shore 1838:348) . O reverendo teve ainda tempo de reparar no altar que considerou “*tasteful (...) into which are worked the usual expressive symbols of the Romish religion*”. (Thomas 1860: 417)

O traço arquitetónico dos edifícios religiosos: igrejas, capelas, conventos é severamente criticado pelos forasteiros que estranham e não gostam, na sua maioria, das linhas e das decorações. Estamos perante uma questão de estética, de gosto e de moda. A crítica apresentada prende-se acima de tudo com o aspecto exterior e interior dos referidos edifícios e não propriamente com o culto (apesar deste também ser alvo de reparo). O visitante estranha aquilo que entende como falta de beleza e proporção e repara ora no excesso de elementos decorativos e sobretudo no abuso da talha dourada ora na pobreza estética das pinturas, criticando igualmente as imagens/ figuras dos santos que frequentemente adornam os templos católicos.

É o caso de John Driver que, em 1838, explica que a catedral é um edifício elegante mas que tal como todas as outras igrejas não tem nada de relevante no seu interior, apenas algumas pinturas e figuras de pouco valor artístico. Pelo contrário, e frequentemente, estes autores elogiam a Igreja Inglesa e Driver, em particular, descreve-a como sendo um edifício de pequenas dimensões mas muito apresentável, extremamente bem localizado na Rua da Carreira e rodeado de árvores e flores. Quanto ao cemitério diz que fica localizado ali perto, embora num local mais reservado, (Driver 1819: 14) opinião partilhada mais tarde por Charles Thomas que, todavia, defende que “*there is a violation of good taste here*” (Thomas 1860: 420), facto que lhe causou surpresa pois não esperava encontrar um cemitério inglês nestas condições.

A Igreja Inglesa mereceu um olhar mais atento do reverendo Charles Thomas. Trata-se de um edifício com bom gosto e muito bem cuidado, que se



assemelha mais a um teatro e *“this was a favourite resort with some of our officers on a Sunday afternoon; and delightful was it indeed, to worship with its serious congregation, and after service to linger for an hour around the sacred place, enjoying communion with God in nature without, and in the richer manifestations of his grace within”*. (Thomas 1860: 419)

Apesar do passar dos anos, a verdade é que esta visão vai perdurar. Em 1870, Michael Grabham manifesta preferência pelo conjunto arquitetónico que compõe a Igreja Inglesa, que no seu entender é acolhedor, confortável, muito bem desenhado e que sobretudo se adequa às funções eclesásticas que assume. Pelo contrário, a catedral do Funchal apesar de bem localizada numa praça bem movimentada, é pobre quanto ao estilo arquitetónico porque desprovida de elementos góticos e, no seu entender, os altares e os quadros são de má qualidade. Todavia, elogia o tecto coberto por cedro endémico, assim como a Igreja do Colégio, recentemente renovada, e cuja talha lhe mereceu a admiração. Quanto às restantes igrejas e capelas insiste na simplicidade arquitetónica e considera o maior defeito a ausência de janelas.

Surpreendentemente, Nelson Coleridge que passou pelo Funchal em 1825 apresenta uma visão mais simpática já que tece elogios à Sé: *“... it is a fine building, the furniture of the altar and lateral shrines very rich in gold, silver and pearls and fresh roses were hanging in chaplets and festoons over and around the idols”* (Coleridge 1825: 20) e, depois de reparar que a cobertura do tecto em Madeira é usada em várias igrejas e capelas da ilha conclui, ao contrário da grande maioria dos autores que esta situação *“is wonderful in such a climate, that it does not destroy the worshippers, as it impairs the beauty and solemnity of the place of worship”*. (Coleridge 1825: 20). Alguns anos antes, também o autor de *na Historical Sketch of the Island of Madeira* havia apelidado as igrejas de engraçadas salientando os altares ornamentados com quadros, os lampadários de prata e o trabalho de talha. (1819: 19) Alguns anos antes, Maria Riddell assistiu à missa de Domingo na grande catedral e explica que se trata de um edifício nobre, ornamentado interiormente num estilo muito rico, que é excepcionalmente espaçosa, construída em pedra branca e dividida em altares (...) que o tecto é belamente embutido de mosaicos e nas paredes revestidas de mármore surgem quadros e boas tapeçarias, que os altares são perfumados de incenso, tendo á volta cortinas de tecido prateado e candelabros e turibulos de ouro incrustados de pedras preciosas. (Silva 2008:64)

Michale Grabham nota igualmente o silêncio dos sinos e explica ao leitor que a população vive intensamente a religião já que vai sempre à missa, sabe o nome de todos os santos e as suas virtudes e segue todos os rituais. Nesta sua reflexão sobre a religiosidade, Grabham pergunta mesmo se será possível dizer que a missa em Inglaterra tem mais substância do que na Madeira? Prossegue falando sobre as procissões explicando de que estas são muito mais do que meros espetáculos uma vez que são um dos pontos mais altos da devoção dos madeirenses notando que apenas e só na Madeira é possível se deter em frente ao altar para observar em deleite os arranjos florais.

A propósito de procissões, já em 1815 o autor desconhecido da obra *a Traveller's guide to Madeira and West Indies* havia testemunhado uma procissão no terceiro Domingo de Quaresma – um espetáculo montado pela Igreja Católica, na falta de algo mais racional, para alimentar os seus ludibriados crentes. O visitante descreve ao pormenor a composição constituída por homens vestidos de mantos de seda púrpura, por monges descalços que carregam aos ombros a cruz e a imagem de Jesus Cristo, por penitentes mal vestidos e com os pés lacerados pelas pedras pontiagudas das ruas, por um grupo de monges que carrega a imagem da Virgem Maria, por crianças também trajadas em seda púrpura e com flores na cabeça e por fim um grupo de soldados marchando ao som da música. Alguns anos antes, em 1750, um viajante anónimo falava das procissões que infestavam as ruas durante a celebração da Páscoa mostrando-se chocado pelos muitos penitentes que seguiam amarrados e se flagelando com cordas até o sangue escorrer pelo corpo quase despido. (Payne 1750)

Outro aspecto para o qual o médico chama a atenção do leitor é o facto de o sermão ser considerado um luxo, razão pela qual as pessoas veem de todos os lados da ilha para os ouvir e no que diz respeito à adoração de imagens e à atribuição de virtudes aos santos considera que tudo isto não passa de *idolatry pure and simple*. (Grabham 1870:51) Refere ainda que o patrono da ilha é São Tiago Menor<sup>1</sup> explicando que anualmente lhe é prestada uma homenagem pela proteção que deu durante uma grande peste.

No que se refere às outras religiões, o médico britânico Michael Grabham adianta que além de uma Igreja Inglesa, existe no Funchal uma igreja presbiteriana – *Free Church* – edificada numa estrutura de tecto pontiagudo e de características góticas. Acrescenta

<sup>1</sup> Somos obrigados a explicar que São Tiago Menor é o santo protector da Cidade do Funchal e não da Ilha da Madeira.

ainda que os Alemães também ali providenciam um serviço luterano. Quanto aos conventos que ainda existem na cidade, o de Santa Clara e da Encarnação, o autor refere que estes estão muito delapidados adiantando que os outros foram secularizados e, são hoje, lares de idosos e orfanatos.

Já Ellen Taylor, que visitou a Madeira em 1882 lamenta o facto da Igreja Inglesa ter sido construída numa altura em que Portugal não permitia o culto de outras religiões nos seus domínios, razão pela qual o templo não possui a forma de uma igreja e não tem sino. Em relação a falta de um sino, já anteriormente, o reverendo Charles Thomas havia referido que tal não tinha sido permitido já que “...*the ringing of a Protestant bell in a Catholic city would disturb the minds of the Christians and perhaps their faith, by leading to the question of “one church”*”. (Thomas 1860: 420)

A visitante adianta que a Igreja Escocesa por ter sido construída mais tarde, apresenta a *more ecclesiastical appearance externally*. (Taylor 1882: 39) E é pelas palavras desta britânica que o leitor é informado de que em 1764, quando a coroa Portuguesa deu finalmente permissão para o culto protestante na ilha edificar os seus templos, foi necessário recorrer à proteção da guarda militar “... *to prevent the natives from insulting the mourners*”. (Taylor 1882: 40)

Alguns acham o número de conventos e igrejas manifestamente exagerado e tem dificuldade de entender o elevado número de freiras e frades que procuram na reclusão a solução para a sua vivência espiritual e, em 1819, o autor da obra *An Historical Sketch of the Island of Madeira* afirma que “... *these insulated beings have generally a most cadaverous complexion and dismal appearance*” (1819: 18) trazendo à tona um olhar superficial que poderá não ser o suficiente para se entender uma realidade com a qual não estamos familiarizados já que o aspecto físico destas religiosas poderá se dever a outros factores que não exclusivamente ao facto de viverem em clausura. Note-se que em 1825, Coleridge não só descreve os frades como *wretched creatures* como acrescenta que não há nenhuma rapariga bonita no Convento [de Santa Clara, supomos nós]. Além do mais, faz referência à existência de uma capela construída com esqueletos humanos que fazia parte do antigo convento de S. Francisco manifestando a sua satisfação por já ter sido destruída mas não deixa de reparar que o que agora ocupa esse espaço conventual é *dirt, silence and misery*. (Coleridge 1825: 21) Anos antes, o autor da obra na *Historical sketch of the Island of Madeira* notou igualmente esta capela

de horrores e, em 1832, o Reverendo da *Missionary Society*, Daniel Tyerman regista a visita a esta capela coberta por *hideous relics* e que este horrível e assustador cenário é agravado pela *filthiness of the place and neglect of the sanctuary* (Tyerman and Bennet 1832:5) que faz com que algumas das caveiras e ossos caíam de quando em vez no chão.

Alguns anos mais tarde, Fitch Taylor, que passou pelo Funchal a bordo da fragata americana Columbia, contradiz os dois anteriores autores dizendo que as 54 freiras que ocupam o Convento de Santa Clara são alegres e rechonchudas (Taylor 1840: 77) e admite que a vida conventual é tema frequente de conversa entre os visitantes da ilha. A que se deve este olhar mais tolerante e simpático?

Efectivamente Taylor partilha com o leitor um olhar quase terno explicando que a Igreja do Monte com as suas duas torres e de aspecto pitoresco e engraçado prende a atenção de todo o visitante e que o local é indicado para o repouso e retiro, acrescentando que a vista sobre a cidade e o mar é inesquecível assim como o manto verde da montanha que circunda o templo. Taylor vai mais longe acrescentando que só a poesia pode captar tal beleza paisagística e sente-se privilegiado já que “... *all this I gaze upon, as I stand, lost in delight reverie, on the deck ...*” (Taylor 1840: 50) e prossegue neste estado de encanto dizendo “*I indulge myself, for hours, in delight contemplation of the beautiful scene before me (...) and nothing could be more calmly sooth the heart*” (Taylor 1840:51) , seguro de que esta é uma daquelas cenas que ficará para sempre guardada na sua memória e a qual evocará tantas as vezes que forem necessárias.

Eduard Harcourt, que passou pela Madeira, em 1851, acompanhado pela sua mulher Susan, a propósito dos assuntos eclesiásticos [subtítulo de um capítulo] diz nos que a ilha se encontra sob a protecção espiritual da Ordem de Cristo e nas linhas seguintes fornece dados sobre o número de freguesias e igrejas assim como acerca da nomeação e renumeração de padres e bispos e assuntos relacionados com o tribunal eclesiástico. Segundo este autor, em 1835 existiam três conventos no Funchal, Mercês com 26 freiras, Santa Clara com 46 e Encarnação com 30 freiras e 4 noviças bem como duas irmandades: as Carmelitas e os Franciscanos.

No seu entender, agora, ... *the monks have all disappeared (...) and the nuns are fast dying off* (Harcourt 1851:71), situação que no seu entender poderá trazer vantagens para o sector público. Além do mais, Harcourt adianta que nos dias que correm os pobres já não são socorridos às portas dos conventos

ou mosteiros e que, na realidade, estas instituições deixaram de ter um papel a cumprir.

Lady Wortley também escreveu sobre a sua visita ao Funchal, em 1851, e foi muito crítica no que diz respeito à traça arquitectónica “alla podrida” da cidade e apelida a Igreja do Monte de *conspicuous object*, acrescentando que se trata de um tempo muito concorrido já que é considerada uma grande protectora, mas em vez de tecer considerações sobre a mesma, desviou o seu olhar para os carros de cesto. Por oposição elogiou fortemente a Igreja Inglesa, *charming an elegant* e com um jardim superior a muitas igrejas de *sweet dear England*, apesar de não ter gostado do seu interior por se assemelhar demasiado a um teatro. Esta opinião será igualmente partilhada por Isabella Hurst de França que nos visitou em 1853.

Para a esposa de José Henrique de França, a catedral é “*an unsightly pile, partly of dark red stone, and partly stuccoed, and white washed, with a heavy square tower surmounted by a short pile, covered with Dutch tiles*” (França 1853:57). Apesar de considerar que o tecto de cedro é a parte mais bonita do tempo lamenta estar “*... barbarously disfigured by being painted*”. (França 1853:181) Mais tarde, em 1889, Julia Roundell corrobora esta opinião quando nos diz que “*the cathedral has a magnificent roof of carved cypress wood, sadly spoilt, however, by tawdry painting and gilding*.” (Roundell 1889:163). Note-se que já em 1720, o padre jesuíta francês, Antoine de Laval se havia referido à Sé, à Igreja do Colégio e aos conventos como edifícios *sem arte*. (Moniz, Santos 2011: 131)

Para Isabella, a igreja mais bonita do Funchal é a Igreja do Colégio, tendo-se detido na estatuaría exterior. Todavia revela que o seu interior está “*... full of dreadful daubs (...) and the roof contains some absurd attempts at perspective*”. (França 1853:136) Entende igualmente que o Convento de Santa Clara não possui “*architectural beauty or even symmetry*” e ficou tão chocada em relação aos quadros que ornamentam quer os edifícios públicos quer as residências onde privou e concluiu que os portugueses são afinal “*a non-artistic race*” e que no Funchal “*there is nothing like architecture*”. Ao longo da narrativa, Isabella vai percorrendo sobre a religiosidade da população da terra natal do marido e, de forma muito mordaz, refere-se à romagem de Santo António da Serra como uma autêntica palhaçada, adiantando que “as medidas dos santos” são só para brincadeira, sem nenhum propósito religioso, acrescentando inclusive de que “*poderá haver celebração de ofícios na Igreja, no entanto ninguém assiste; o essencial é o toque do*

*tambor, o fogo, as bandeiras, etc*” (França 1853: 133). William Combe, em 1821, tinha igualmente reflectido sobre a religião católica romana, sugerindo, e no caso particular das regiões mais distantes e fechadas, tal como é a situação da ilha da Madeira, que a assistência aos ofícios religiosos são muito valorizados por cerimoniais vistosos e atractivos, essencialmente pelas classes superiores, com especial destaque para as senhoras. (Silva 2008: 87)

Em 1885, Paul Langerhans, médico alemão a residir no Funchal sente a falta de um guia para visitantes e decide publicar uma obra intitulada *Handbuch für Madeira*. O seu registo tem como função dar informações úteis e práticas aos que nos visitam e talvez por isso a descrição das igrejas e das capelas seja sumária e concreta. Destaca a Sé, a Igreja do Colégio assim como as Igrejas de S. Pedro e do Socorro mas insiste que os quadros não têm grande valor artístico. Menciona a Capela das Almas porque localizada dentro da rocha e faz uma breve referência à celebração de São Tiago Menor. Acerca dos conventos: Santa Clara, Encarnação e Mercês fornece informação acerca da sua fundação mas reforça a ideia de que não são dignos de beleza arquitectónica. Mais adiante dá detalhes sobre o Paço Episcopal e sobre o funcionamento do bispado funchalense e explica que a Igreja Católica é a religião oficial e discute as multas impostas aos cristãos em relação ao escárnio. [que oscila entre 100 a 1000 réis]

Langerhans escreveu ainda algumas linhas sobre as procissões que os locais vivem com intensidade e emoção assim como sobre as festas dos diferentes oragos que são entusiasticamente celebradas com música e foguetes. Julia Roundell, em 1889, testemunhou um destes momentos – a Procissão dos Passos – na qual *grotesque and entirely without beauty* (Roundell 1889:169) figuras de madeira são carregadas pelas ruas da cidade por homens e *little angels*. Julia diz que teve pena destes, e ficou chocada quando viu, no dia 15 de Agosto, “*... mothers or wives of those at sea ascend on their knees the sixty-eight steps leading up to the church door*”. (Roundell 1889:170)

Na primeira década do século vinte surgem os primeiros guias de viagem. A tipologia textual e o público alvo exigem informações concretas, úteis e breves. O leitor poderá não ter muito tempo para visitar a ilha, pelo que o autor tem de ser conciso e/ou selectivo. De um modo geral os autores já não se detêm em grandes descrições e distanciam-se das marcas pessoais e íntimas passando a adoptar uma tipologia textual e uma linguagem mais técnica cujo



objectivo é informar o leitor/visitante.

Todavia, Koebel apesar de nos apresentar um guia de viagem, acaba por fornecer pormenores e informações mais detalhadas sobre o modo de vida dos madeirenses e no que diz respeito às gentes rurais conclui que o camponês da Madeira é acima de tudo um homem de igreja salientando *his sense of reverence* (Koebel, 1909: 145) que explica que muitos “*will uncover their heads on passing the doors of a church*” (Koebel, 1909: 145). O autor explica ainda que ao Domingo as igrejas enchem-se de gente fazendo, no entanto, notar de que “*in the lives of the country folk the services constitute almost the only break in the laborious routine of the days*”. (Koebel, 1909: 145). Registou também o dia de festa quando a cidade do Funchal se enche de gente para ver passar a procissão, a *mournful and somber sight*, de homens sem chapéu e mulheres vestidas de preto e véu cobrindo a cabeça. E este visitante vai um pouco mais longe, alargando o seu campo de visão à questão da superstição fazendo notar que várias lendas enchem as montanhas e levadas da ilha com criaturas estranhas, bruxas e diabos. Faz ainda referência ao *evil eye* adiantando que o alecrim é usado como proteção contra toda a maldade e explica que um pouco por toda a ilha há “*wise woman who, in addition to the faculty of healing, claim for reaching-powers of divination*” (Koebel, 1909: 150). Uma curiosidade: a fotografia é mal vista [porque não compreendida] dando o exemplo de que a população acredita de que se tirarmos uma foto a uma vaca, esta ficará seca de leite.

Mas, a religiosidade das gentes locais não se espelhou apenas em épocas festivas e, a verdade, é que alguns destes relatos de viagem plasmaram a intensidade com que o povo clama por ajuda divina aquando de uma qualquer calamidade e, neste caso particular, aquando das aluviões. Sem deixar de lamentar a tragédia e procurando entender as causas, os autores evidenciam a falta de meios e acima de tudo alguma apatia, sobretudo visível quando Emeline Wortley relata que “*the unhappy inhabitants, many of whom, in their dense ignorance, look upon their Island as the entire world, believed the hour of the final dissolution of Nature was rapidly approaching, and they remained paralyzed with fear for a length of time, offering no assistance to their fellows, and not attempting to make any exertion to save themselves*”. (Wortley 1854: 238) Aquando da segunda catástrofe, em 1842, Lady Wortley regista novamente uma inércia que toma conta da população explicando que “*the inhabitants gave themselves up for lost; it seemed in vain to attempt to struggle longer with their fate ....*” (Wortley 1854: 243) dando assim conta

de que talvez este destino lhes estivesse predestinado e portanto não valeria a pena nem contrariar nem lutar. Aliás, Koebel vai anotar que “*life is mapped out for them beforehand, and, fatalistic, they accept it as it comes*.” (Koebel, 1909: 145)

Importa refletir um pouco acerca destas narrativas “forasteiras” enquanto documentos/fontes que permitem (re)interpretar factos históricos-antropológicos, já que, e tal como relembra Rogério Puga, citando Clifford Geertz (Puga 2002: 606), estes escritos exigem um “*sorting out the structures of signification [...]*”<sup>2</sup>. A passagem pela Madeira exige uma capacidade de entender/aceitar e fruir a complexidade e o contraste de um *unexpected place* (Alaistair Pennycook). A beleza paisagística e natural é inebriante, mas passado esse encantamento inicial, o visitante é obrigado a lidar não só com esse imaginário exótico mas também com uma variedade de *landscapes e selfscapes*, ou seja, uma mescla de formas de ser e viver [pitoresca]. Trata-se de um exercício contemplativo mas profundamente emotivo que se rege por muito pouca objetividade, confirmando aquilo que Todorov cunhou como *exotopia*.<sup>3</sup> É neste sentido que estes relatos de viagem, reais ou imaginários, se vão construindo de representações de tempos, lugares e gentes. O leitor/investigador torna-se assim parceiro de um olhar [distante e/ou dicotómico] da diversidade, geográfica, cultural e semântica de um discurso mas também de significados e / ou significantes.

No caso particular dos viajantes (e aqui não falamos apenas e britânicos) que passaram pela Madeira, e tal como sustentam Ana Isabel Moniz e Thierry dos Santos, *a visão que tem do meio insular pode ser parcial ou mesmo caricatural já que se manifesta através de juízos de valor, desdobrados em preconceitos (de classe)* (Moniz, Santos 2011: 121) ilustrando aquilo que João Paulo Pereira da Silva designou como uma *postura genericamente etnocêntrica*<sup>4</sup> (Silva:472), oferecendo, porém, por um lado, uma perspetiva fiável da ilha e das suas gentes e, por outro, permitindo uma reflexão de si para si, ou por ventura, um outrar-se?

2 Clifford Geertz, 1993, *The Interpretation of Cultures*, p.9

3 Exotopia significa a afirmação da exterioridade do outro que acompanha o seu reconhecimento enquanto sujeito. Cf. Tzevan Todorov, 1982, *La Conquête de L'Amérique: La question de l'autre*, p. 254

4 Esta atitude não deve causar surpresa, dada a dos cidadãos britânicos... sobranceiramente convictos da sua superioridade cultural e intelectual. Tinham plena consciência de que “*a sua pátria ocupava, então, a nível económico e geoestratégico...uma posição de vanguarda entre as nações europeias e erguendo-se como o farol do Liberalismo e o verdadeiro embrião da democracia moderna do mundo de então*”. (Silva: 473)